

O volume remata com breves depoimentos de autores em cuja escrita a presença dos clássicos continua marcante; no âmbito da literatura infanto-juvenil, o de Ana Soares e Bárbara Wong, bem como de Hélia Correia, a propósito da sua colecção *Mopsos, o Pequeno Grego*; na poesia, o de Ivone Mendes da Silva, Jaime Rocha e Nuno Júdice.

Todos os artigos são acompanhados de uma bibliografia específica, em geral bem direccionada, oportuna e actualizada. Um índice final de autores e textos citados teria sido da maior valia para facilitar a consulta de um volume tão diversificado no seu conteúdo como este. Variedade que é, de resto, o mérito maior desta publicação, funcionando sobretudo como estímulo a tantos outros estudos ainda por fazer da literatura portuguesa de tema clássico.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

fanp13@gmail.com

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_21

PIMENTEL, Miguel Cândido e CARVALHO, Sofia Alexandra (coord.), *António Quadros, Obra, pensamento, contextos*, 342 pp., Lisboa, Universidade Católica, 2016, ISBN 978-9-7254-0477-5

Recensão recebida a 27-05-2016 e aprovada a 29-08-2016

Saudamos a publicação pela Universidade Católica Portuguesa desta importante obra de cariz interdisciplinar sobre António Quadros, coordenada por Manuel Cândido Pimentel e Sofia Carvalho. Uma sentida homenagem ao escritor e ao seu papel no seio da revalorização da cultura portuguesa, que claramente destaca a sua apaixonada luta pela revelação e defesa da singularidade da identidade nacional. Em A. Quadros é a cultura portuguesa que constitui o eixo do pensar, tal é o mote fundamental de todo este livro.

A obra em questão corresponde às atas de um seminário internacional de cariz interdisciplinar que reuniu especialistas de grande nomeada e teve o apoio do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da mesma Universidade, ambos unidades de investigação desta Academia, da Fundação António Quadros e do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

São três as grandes partes que estruturam este trabalho: a primeira, intitulada *A aventura do pensar*, reúne valiosos e interessantes contributos que procuram sublinhar as notas essencialmente humanistas e existencialistas do pensamento filosófico singular de A. Quadros, expondo o modo como a sua filosofia radica antes de mais numa antropologia do homem concreto. Particularmente interessante é o quinto capítulo desta primeira parte (“Ser e Estar, Ter e Haver, Fazer Espírito, Língua e Cultura no Pensamento de António Quadros”) que apresenta o nóculo lógico-hermenêutico do pensamento de Quadros, a partir do qual ganham inteligibilidade os seus textos e a pertinência dos seus juízos e intervenções culturais.

A segunda parte da obra, *Entre tradição e inovação*, sublinha as diferentes vertentes da dimensão da paideia cultural portuguesa de António Quadros e a sua interdisciplinaridade, mostrando-nos como para o escritor a portugalidade deve radicar num conjunto de valores próprios, numa literatura própria, num pensamento e num sistema de educação sólido. O grande problema moderno para Quadros não era já na altura de natureza económica, sublinha-se, mas de valores que é necessário reunir a partir da “superioridade” da cultura portuguesa. Realçamos assim o interesse do capítulo primeiro desta segunda parte (“A estética existencial de António Quadros”) que procura justamente determinar o sentido que têm os termos existencial, existência e existencialismo nos trabalhos do escritor, nomeadamente, naqueles que procuram apreender a fenomenologia da arquitetura portuguesa e entender a evolução da dança. A estética existencial como modo de conceber o fenómeno artístico é aqui analisada com a profundidade, clareza e exaustividade necessárias a uma compreensão do fenómeno.

Na terceira parte desta obra, intitulada *Situação, pátria, testemunho*, é a vertente específica da cultura portuguesa e seus vivos ecos no Brasil que é tratada em vários e interessantes textos que sublinham ainda as preocupações do escritor relativamente a uma antropologia e paideia cultural lusitana que, em sua opinião, começa em 1957 a ser traída pela influência do positivismo e do materialismo. Relevamos neste contexto outro capítulo de interesse peculiar (“António Quadros e a Universidade em Crise. Uma questão cultural”), que, referindo o Manifesto de 57, sublinha o modo como A. Quadros considerava absolutamente fundamental o papel da Universidade Portuguesa na formação de uma nova mentalidade em Portugal e com ela de uma renovação dos valores transcendentais esquecidos da Verdade, do Belo e do Bom. A análise deste capítulo relembra a ideia de Quadros segundo a qual só a Universidade, nomeadamente as Faculdades de Letras,

pode recuperar a autenticidade da cultura portuguesa e sublinha ainda a crítica feita pelo escritor à inexistência na Universidade de uma Filosofia portuguesa, desatendida e substituída por uma Filosofia em Portugal.

Em todos os capítulos desta importante obra a análise de cada tema e de cada construção é sustentada por uma bibliografia importante e adequada.

Vocacionada primordialmente para um público universitário, a obra em questão é um instrumento de trabalho de grande valor para a história da cultura e para a filosofia portuguesa.

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO

Universidade de Coimbra

mlp600@gmail.com

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_22

POMPEU, Ana Maria César e SOUSA, Francisco Edi de Oliveira (orgs.), *Grécia e Roma no universo de Augusto*, 217 pp. Coimbra – São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume, 2015, ISBN: 978-989-26-1052-8, ISBN digital 978-989-26-1053-5

Recensão recebida a 05-06-2016 e aprovada a 25-07-2016

No propósito de assinalar o bimilenário da morte de Augusto (19.9.14 – 2014 d.C.), o Núcleo de Cultura Clássica da Universidade Federal do Ceará dedicou a XXVII Semana de Estudos Clássicos ao tema “Grécia e Roma no Século de Augusto”, e, do evento, resultou o volume que aqui se recenseia.

A crescente influência em Roma da cultura grega é, de acordo com a “Introdução”, perturbada por uma hostilidade ao mundo oriental, que decorre do conflito entre Augusto e António. A batalha de Áccio e Augusto (Virg., *G.* 3.10-20), de acordo com o referido texto preambular, acabam por salvar o referido movimento cultural. Se, do proémio a Virg., *G.* 2, depreendeu Nappa, que aparece citado, a importância de conceitos como “enxertia” e “hibridismo” na tradução dessa influência, e Horácio, *Carm.* 4.15.1-20, realçou o regresso, por meio de Augusto, da *pax* e dos antigos valores a ela associados, já Tito Lívio, no prefácio de *Ab Vrbe condita*, assiste com preocupação aos vícios que marcam a sua época e aos remédios que para eles são propostos. A “Introdução” termina com uma breve alusão à estrutura da obra e resumos das diversas reflexões que, correndo embora o risco de